

A lição do campo

Rubens Altmann

Nestes tempos de crise, em que predominam notícias sobre a perda da capacidade de funcionamento de governos, concentração de vultosas riquezas nas mãos de muito poucos, desemprego crescente, miséria, violência e outras mazelas, é bom olhar o campo.

Contemplar a paisagem rural constitui um ato que acalenta a alma. Conversar com produtores pode significar uma injeção de ânimo, de otimismo e uma lição de cidadania e de brasilidade, atributos cada vez mais raros em algumas esferas...

A cultura nacional é predominantemente urbana e evada de preconceitos com relação ao homem do campo. O agricultor, especialmente o "colono", é visto pelos que nada conhecem do rural como sinônimo de atraso, desleixo e acomodação.

Pode ser visto como atrasado um produtor que, administrando seu negócio num cenário econômico absolutamente inseguro, com constante mutação nas políticas públicas, manipulações do mercado, sofrendo os efeitos aleatórios do clima, ainda assim permanece um otimista, um homem que crê no futuro e que investe no desenvolvimento de seu negócio?

Pois bem, o objetivo desta introdução é o de situar as informações que se seguem para torná-las compreensíveis.

Encerra-se, em meados deste ano, a execução do Projeto Microbacias, sobre o qual muito já se escreveu e falou. Como praxe nos projetos com financiamento do Banco Mundial, procedeu-se a uma avaliação dos seus impactos socioeconômicos e ambientais. Os resultados da pesquisa de campo, feita por amostragem estatística aleatória, estão sendo comparados com os da pesquisa realizada em 1991, que "fotografou", em idêntico processo, a situação existente antes do projeto.

O Projeto Microbacias tinha como grandes objetivos reduzir os níveis de erosão do solo, controlar o escoamento superficial das águas das chuvas, reduzir a contaminação dos rios e córregos com dejetos animais e, destarte, elevar o nível de renda dos produtores.

Embora o Instituto Cepa/SC ainda não disponha dos números definitivos da pesquisa realizada com cerca de 1.400 produtores, alguns aspectos merecem destaque, pelo seu significado. Se não vejamos:

Em 1991, uma em cada cinco residências rurais despejava seus dejetos sanitários nos rios. Hoje, apenas uma em cada dez ainda se

encontra nesta situação. Quanto aos dejetos animais, 56% dos produtores os abandonavam a céu aberto e apenas 10% tinham esterqueiras cobertas. Hoje, apenas um em cada quatro produtores ainda abandona os dejetos a céu aberto e 16% possuem esterqueira coberta. Quanto ao manuseio de produtos agrotóxicos, registram-se também mudanças de comportamento positivas. O agricultor, mais consciente, é mais cuidadoso no manuseio destes produtos, sobretudo com o lixo agrotóxico. Raramente os despeja nos rios ou córregos e em 23% dos casos os armazena em depósitos apropriados para lixo tóxico.

O grande salto, todavia, diz respeito à adoção de práticas conservacionistas, que são as que mais protegem os solos da erosão: a adubação verde, que em 1991 era adotada em 14% da área de lavouras, saltou para cerca de 24% da área agricultada. A prática da cobertura morta saltou de pouco mais de 6 para 38% da área, enquanto o cultivo mínimo elevou-se de 0,5 para 16,7% da área e o plantio direto passou de 9 para 39% da área agricultada. Estas práticas apresentam a rara qualidade de elevar a produtividade, reduzir custos com insumos, reduzir a quantidade de mão-de-obra necessária e tornar o trabalho menos penoso. O aumento da produtividade, como, por exemplo, do milho, que passou de 2.827 para 3.700kg/ha nas propriedades pesquisadas, parece um indicativo bastante forte de que os agricultores que adotaram as práticas sugeridas pelo projeto estão contribuindo com o controle da erosão e obtiveram elevação em sua renda.

Outros indicadores permitem ter uma dimensão da mudança de comportamento em curso no espaço rural catarinense. Em 1991, apenas 2,3% dos produtores declararam possuir antena parabólica para captar sinais de TV. Hoje, mais de 60% dos produtores a possuem. A posse de aparelhos de TV em cores saltou de 28 para 73% dos produtores; a de telefone, de 5 para mais de 18%, e começam a surgir os primeiros computadores no campo (inexistentes em 1991). Estes números nos dão uma dimensão de como evolui o acesso a informações no espaço rural e melhora o nível de conforto e bem-estar.

A pesquisa realizada pelo Instituto Cepa/SC levantou também questões ligadas ao processo decisório e à migração para a cidade. Embora os números sejam preliminares, sujeitos a correções, podemos afirmar que há crescente participação de todos os membros da família na tomada de decisões estratégicas, sendo cada vez menor o número dos chefes de família que tomam decisões individuais. Constatou-se, também, que os pais têm muitas dúvidas quanto a aconselhar os filhos a permanecer no campo ou a ir para as cidades. Em quase 40% dos casos esta decisão é deixada por

conta dos filhos. Se os pais se sentem inseguros para aconselhar (e isto vale até para nós, urbanos), até que ponto os filhos têm informações suficientes e estão em condições de tomar decisão de tal responsabilidade?

Cerca de 25% dos jovens manifestaram vontade de sair do campo, mas 68% desejam encontrar uma ocupação na cidade perto de onde vivem. Desejam manter ligação com a família e as pessoas com as quais convivem. Daí a importância de criar oportunidades de ocupação e emprego no próprio espaço rural.

Entre os principais motivos da migração, destacam-se o baixo retorno financeiro da atividade (32%), a pouca perspectiva de melhoria no campo (16%), a vontade de continuar os estudos (15%), o desejo de mudar de profissão (10%) e a penosidade do trabalho agrícola (9%).

Cabe citar aqui, como fator que contribui para o êxodo rural, a postura dos pais no que diz respeito à recompensa pelo trabalho dos filhos e à sucessão no empreendimento. Apenas 4% dos jovens recebem mesada (eventual ou regularmente) pelo trabalho realizado, enquanto 40% declararam só a receber quando pedem. Este fato se soma à forma inadequada como a sucessão é conduzida pelo produtor, que deixa pouco espaço para que o jovem expresse sua criatividade. Está aí um tema que merece ser considerado nos programas de capacitação dos recursos humanos do campo.

Não obstante a pesquisa trazer preocupações quanto à velocidade do êxodo rural, constata-se que, quando devidamente estimulado, o produtor rural catarinense costuma responder com determinação. Adota novas tecnologias com relativa facilidade se estiver convencido de sua utilidade e de sua rentabilidade e se dispuser de financiamento em condições acessíveis.

Mesmo com o elevado grau de endividamento na agricultura catarinense e o limitado alcance das políticas de apoio à agricultura familiar, tudo indica que a avaliação do Projeto Microbacias mostrará resultados amplamente positivos.

A chave para a solução de grande parte dos problemas nacionais está na agricultura e no agronegócio. A partir daí, podem ser gerados recursos capazes de promover a retomada do desenvolvimento nacional.

Que bom seria se todos os cidadãos, sobretudo os empreendedores e os governantes, aprendessem a lição do campo e nele acreditassem, como acreditam e investem nossos pequenos produtores rurais.

Rubens Altmann, eng. agr., PhD., Cart. Prof. 356-D, Crea-SC, Instituto Cepa, Rodovia Admar Gonzaga, 1.486, C.P. 1.587, fone (048) 334-5155, fax (048) 334-2311, 88034-001 Florianópolis, SC.